

Usos e funções das ciber-informações nativas

Joana Brandão Tavares¹

Resumo

Este artigo analisa as informações de autoria de povos indígenas produzidas para cibermeios. As principais características, usos e funções destas informações são sistematizadas, assim como sua conceituação como ciber-informações nativas. Os procedimentos metodológicos adotados foram entrevistas, questionários e análise de conteúdo de 78 publicações de dois cibermeios indígenas. São encontradas sete funções principais, entre elas que os indígenas incorporaram as dinâmicas da política democrática. Por fim, considera-se importante ressaltar, para as pesquisas futuras sobre cibermeios cidadãos, a importância de relacionar a informação veiculada no meio virtual com o real-histórico das populações autoras, para assim considerar a dimensão comunitária e cidadã de um cibermeio.

Palavras-chave: cibermeios; comunicação comunitária; povos indígenas.

Abstract

This paper analyzes the information authored by indigenous people produced for cybermedia. The main characteristics, uses and functions of this information are systematized, as well as its conceptualization as native cyberinformation. The methodological procedures were interviews, questionnaires and content analysis of 78 publications of two indigenous cybermedia sites. Seven major functions were found, including indigenous incorporating the dynamics of democratic politics. Finally, it is considered important to note, for future researches on cybermedia citizens, the importance of relating the information contained in the virtual environment with real-authors of historical populations, so as to consider a Community dimension and a citizen cybermedia.

Keywords: Cybermedia; Community Communication; indigenous people.

Submissão realizada em: 30/08/2013

Aceito em: 19/11/2013

¹ Jornalista, mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Jornalismo Digital (LAPJOR). E-mail: joanabrandao@hotmail.com

Geralmente, o surgimento dos cibermeios cidadãos é relacionado com a necessidade de ultrapassar o lapso participativo das formas de comunicação unidirecionais (LEMOS, 2009). Sem desconsiderar esta como uma das razões, convém olhar especificamente os cibermeios de autoria indígena² com maior complexidade e especificidade.

Na busca por encontrar as características específicas destas produções comunicativas, opta-se por denominar as informações produzidas por indígenas, para a internet, de ciber-informações nativas, e não utilizar termos como jornalismo participativo, jornalismo cidadão, ou outros dos conceitos existentes que derivassem de “jornalismo”. Acredita-se que esta distinção permite uma diferenciação entre as características específicas do objeto analisado e aquelas do jornalismo, assim como convém melhor à forma como estas práticas se relacionam na esfera pública – a partir de locais de fala e de poder diferentes. Definem-se, assim, as ciber-informações nativas como informações produzidas por cidadãos de comunidades tradicionais, nativas, ou comunidades urbanas desfavorecidas, para a internet, que visam intervir no devir social destas comunidades, através da comunicação. Incorporam características de outras práticas comunicativas e narrativas, inclusive do jornalismo e, em muitos casos, buscam dialogar com ele na esfera pública, retransmitindo notícias jornalísticas, questionando-as e/ou simulando o seu formato.

A utilização de meios de comunicação por povos indígenas tem motivado diversas pesquisas que investigam, entre outras perspectivas da questão, o uso das novas tecnologias da informação pelos povos indígenas (GALLOIS; CARELLI, on-line, NUNES JUNIOR, 2009), as mudanças culturais causadas pela inclusão digital (MORALES, 2008, PINTO, 2009, SILVA; CAVALCANTE, 2009), o uso de vídeos por povos indígenas (SILVA; COLVERO; RODRIGUES, 2010), rádio comunitária indígena (FREITAS; MATOS, 2009) e, especificamente, a presença indígena no ciberespaço (PEREIRA, 2007; BUCCHIONI, 2009; RENESSE, 2011). A coletânea “Global Indigenous Media: cultures, poetics, and politics” (WILSON, STEWART, 2008) aborda diversos aspectos do uso de tecnologias de informação e comunicação por diversas populações indígenas (nativas) pelo mundo: estética, ativismo, empoderamento, identidade, preservação cultural e novas tecnologias.

A partir de algumas reflexões oferecidas por esses autores e através do estudo de dois cibermeios indígenas, o Blogue *AJINDO* (on-line) e o portal *Índios On-line (IO)* (on-line), empreendeu-se uma análise na busca por compreender fatores sociais e culturais envolvidos na produção das ciber-informações nativas³. Alguns usos e funções foram reconhecidos nas narrativas das ciber-informações nativas. São eles: diários; participação política, controle do poder e incorporação da cultura democrática; realização dos direitos básicos da cidadania; intercâmbios culturais e valorização de identidades – este dividido em diversas subcategorias; fontes de informação; re-

² Este artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado na qual foram analisados cibermeios de autoria de povos indígenas, especificamente, dois: o *Índios On-line* (on-line) e *Blogue da Ação de Jovens Indígenas de Dourados (AJINDO)* (on-line). 78 publicações foram analisadas em cada cibermeio, e foram feitas entrevistas e aplicados questionários com os autores destas iniciativas.

³ Três instrumentos metodológicos de análise foram utilizados. De um lado, as declarações dos próprios índios e as respostas aos questionários revelam os objetivos dos indígenas ao produzirem informações para o ciberespaço e alguns dos resultados alcançados; de outro, a análise do conteúdo das publicações dos cibermeios permite observar usos e funções a partir de uma perspectiva externa.

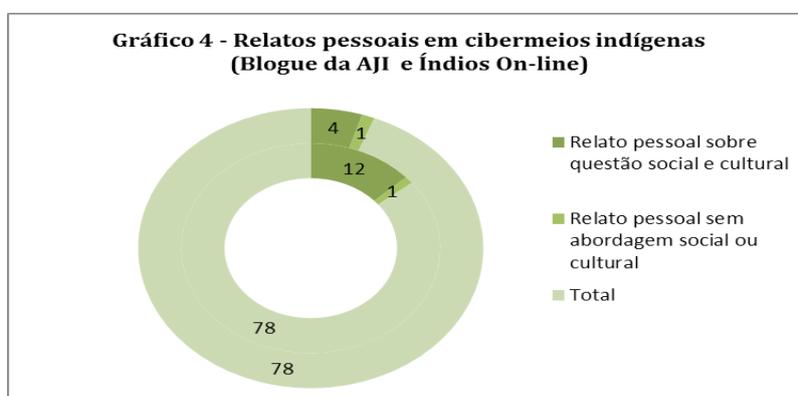
circular cibermeios jornalísticos: repetição integral e comentários críticos; e auto-promoção institucional. A partir destes padrões é possível vislumbrar o lugar que as ciber-informações nativas ocupam na vida dos índios individualmente, nas suas aldeias e na comunidade indígena em geral.

Diários

Ao analisar o blogue *Diários*, uma produção vinculada ao cibermeio *Índios On-line* (on-line), Bucchioni (2009) pontua que este blogue não apresenta o compartilhamento de informações pessoais e que, apesar do nome, caracterizá-lo como um diário íntimo seria reducionista perante a ação comunicativa que ali se apresenta. Isto porque este cibermeio não possui um conteúdo característico da esfera privada e, referente ao processo de produção, é uma construção de vários sujeitos, uma narrativa coletiva, intuito manifesto no próprio nome em plural.

De maneira similar, nas ciber-informações nativas analisadas, existem poesias, relatos de encontros entre pessoas e de impressões pessoais, semelhantes àquelas que caracterizam o blogue diário (OLIVEIRA, 2002), mas que vão em direção contrária à pura exposição da vida pessoal. Estes relatos abordam questões sociais e culturais juntamente com as impressões pessoais. Em geral, buscam apresentar um caráter social dentro destes relatos individuais. A partir da descrição da experiência pessoal, percebe-se reflexões dos indígenas sobre a própria cultura e as diferenças entre aldeias e povos. No gráfico 1, é possível dimensionar a presença das publicações com o caráter de diário: de 78 textos analisados em cada um dos cibermeios, 13 e 05, no blogue *AJINDO* e no portal *IO*, respectivamente, foram caracterizadas como “relatos pessoais”. Destes, apenas um em cada cibermeio é caracterizado pela exposição de uma opinião ou impressão pessoal apenas, e não possuía questões sociais e/ou culturais como foco ou contexto.

Gráfico 1 – Relatos pessoais em cibermeios indígenas (*Blogue AJINDO* e *Índios On-line*)



Também as poesias escritas pelos jovens consideradas como “relatos pessoais”,

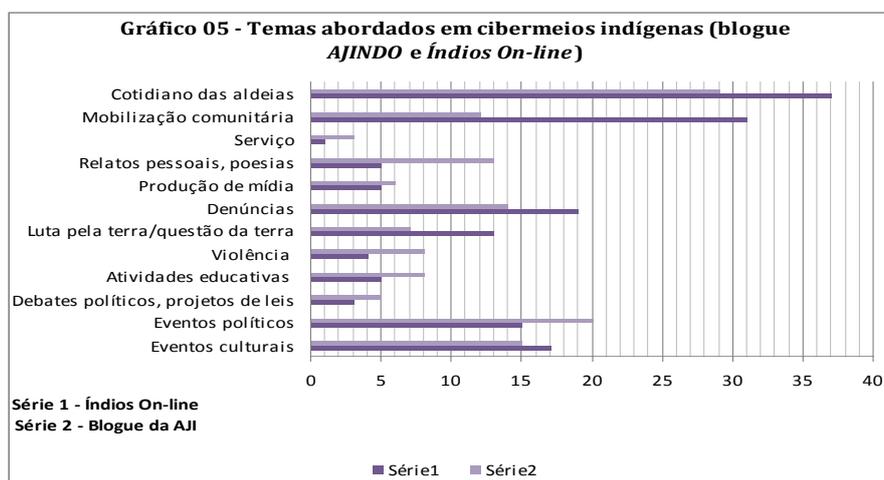
em geral, tratam da realidade indígena, das dificuldades enfrentadas na vida na aldeia e dos receios com o futuro perante esta realidade. “Crianças perdidas” aborda o desamparo das crianças indígenas diante da ausência dos pais; “Queria ser”⁴ trata da relação do índio com a própria cultura e da luta indígena; “Dia do Índio” traz um pedido pela paz em prosa, seguido da poesia “Ser Índio” que aborda o que significa ser índio⁵; e a poesia da escritora indígena argentina Tuby Carboni, “Herencia Incandescente”⁶, trata um tema constante na cultura indígena – a herança dos antepassados.

Estes exemplos buscam demonstrar que, nas ciber-informações nativas, existem relatos de caráter pessoal, mas as questões pessoais ou autobiográficas perdem o foco para uma abordagem de dimensão social e cultural, que é umas das principais funções desempenhadas pelas ciber-informações nativas, como se observa a seguir.

Participação política, controle do poder e incorporação da cultura democrática

Quando se trata da inserção dos indígenas na “era digital” surge uma preocupação com a expansão das desigualdades já existentes. Mas é exatamente lutar contra essa ampla exclusão social e privação de direitos básicos que tem sido a principal função aplicada a essas tecnologias pelos povos indígenas. No gráfico 2, é possível identificar os principais temas abordados nas publicações destes cibermeios.

Gráfico 2 – Temas abordados em cibermeios indígenas (blogue *AJINDO* e *Índios On-line*)



No portal *Índios On-line*, as publicações abordam, em primeiro lugar, denúncias (dezenove publicações), seguidas de eventos (dezessete eventos culturais e quinze políticos) e treze publicações sobre a luta pela terra. No blogue *AJINDO*, a maior quantidade de publicações aborda eventos políticos (vinte), seguidas de eventos cul-

4 As últimas duas poesias foram publicadas no blogue *AJINDO* no dia 1º de abril de 2011.

5 Publicação do blogue *AJINDO* no dia 16 de abril de 2008.

6 Publicação no portal *Índios On-line*: “Poema de una hermana charrúa minuán” (21 de abril de 2007).

turais (quinze), denúncias (quatorze) e relatos pessoais (treze)⁷. Dois elementos, mobilização e o cotidiano das aldeias, são preponderantes no portal *Índios Online* (40% e 47%, respectivamente). Enquanto que, no blogue *AJINDO*, os temas preponderantes são o cotidiano das aldeias (37%) e eventos de conotação política (25%).

Observa-se que a luta pelos direitos indígenas recebe destaque nestes cibermeios. Esta tendência está refletida também na quantidade de publicações denunciando alguma ocorrência dentro da comunidade ou relativa aos povos indígenas: 17,94% no caso do blogue *AJINDO* e 25,64% no portal *Índios On-line*.

É importante observar que a mobilização que a produção das ciber-informações nativas causa, ou mesmo requer, reflete nuances específicas da configuração política e cultural de cada povo. Este desafio, talvez não tão evidente nos estudos da mobilização em jornalismo público e comunitário, quando, muitas vezes, o foco reside mais nas estratégias comunicativas do que em especificidades étnicas e culturais de cada comunidade, ascende ao primeiro plano ao se estudar os cibermeios indígenas.

Uma das principais dessas especificidades é como a inserção da internet para uso, em grande maioria, dos jovens, é aceita pelas gerações mais antigas nessas comunidades. Renesse (2011, p. 25) vislumbrou dois modelos de organização política da comunicação indígena nas ciber-informações nativas. Um que deriva da articulação comunitária com objetivos estabelecidos em grupo, e outro onde os cibermeios são inseridos sem objetivos definidos e não há um projeto claro para a comunidade. No primeiro, existe uma negociação entre gerações, e uma aceitação pelos anciões da inserção da tecnologia, principalmente porque esta é utilizada como mais um instrumento na luta já estabelecida pelas antigas gerações. Aqui as novas tecnologias podem até motivar uma reaproximação das gerações mais novas, antes desinteressadas pelas questões de interesse da comunidade discutidas pelos anciões. No segundo, a internet torna-se um motivo de conflitos e distanciamento entre as gerações⁸.

O que se observa é que aquela exclusão dos indígenas da “era digital” não se dá apenas pela falta da estrutura necessária, como computadores, eletricidade e alfabetização básica e digital. O grande esforço para inserir os cibermeios indígenas dentro das comunidades passa por um conflito cultural da adaptação às estruturas da sociedade democrática, e da forma de desenvolver política dentro dela.

Através das ciber-informações nativas, os indígenas participam como sujeitos ativos na esfera pública, promovem sua perspectiva e, ao mesmo tempo, motivam a participação da comunidade. A produção de ciber-informações nativas é uma forma de os índios participarem da política que diz respeito aos seus direitos. Estas moti-

7 É importante destacar que os itens “Mobilização Comunitária” e “Cotidiano nas aldeias” são considerados temas que intersectam os outros temas, pois publicações que tratam de violência e eventos, por exemplo, podem se referir a acontecimentos do cotidiano da aldeia ou não, da mesma forma que publicações abordando eventos políticos e denúncias também podem apontar elementos de mobilização comunitária.

8 As relações culturais e sociais internas das comunidades indígenas são apresentadas apenas na medida em que ajudem a apreender quais são as relações e articulações por trás do cibermeios, para assim compreender melhor como se estabelece a produção desta comunicação.

vações para mobilização que são reforçadas nos cibermeios refletem uma busca por controlar o poder através da vigilância das ações dos governantes e da estratégia de publicização dos acontecimentos, ações típicas das sociedades democráticas (SCHUSDON, 2003, p. 28, DEWEY, 1991): “A democracia visa a convivência crítica e criativa com o poder” (DEMO, 2001, p. 74). Este “controle [do poder] feito pela base” (DEMO, 2001, p. 73), é uma das funções da produção das ciber-informações nativas, que resulta na sua utilização nas lutas pelas terras e pela conquista dos direitos básicos, como saúde, educação e transporte.

Não é o primeiro contato destes povos com a democracia, uma vez que há séculos os índios vêm lutando por seus direitos e se adaptando às diferentes estruturas da sociedade “não-índia” para sobreviver. Talvez o que ocorre agora é que os cibermeios fornecem outra dimensão para essa integração. A ampliação do debate democrático causada pela internet alcança os indígenas, envolvendo-os ainda mais nesta forma de fazer política. Os conflitos entre gerações e interesses refletem as negociações, percebidas ou não, através das quais os índios integram a cultura política democrática, incorporando-a, em diferentes proporções, às suas organizações hierárquicas e de poder.

A utilização da internet para a aquisição de direitos básicos, como impressão de documentos e solicitação de aposentadoria, são outros exemplos da integração à cultura democrática.

Realização de direitos básicos da cidadania

A participação indígena abrange também, além das alçadas complexas da política, a satisfação de questões de cidadania básica como emissão de CPF, título eleitoral e aposentadoria que os computadores permitiram fazer. Estas utilizações fogem do objetivo deste trabalho de focar nos cibermeios indígenas, mas são relevantes para complementar a análise, porque esta cidadania básica não é nada mais do que outra face da integração da cultura democrática através do acesso à internet.

O conhecimento dos direitos e das políticas públicas disponíveis para atender a esses direitos é outra dimensão necessária da participação na democracia, principalmente para um grupo socialmente excluído. Gallois e Carelli (on-line) já haviam mencionado a possibilidade de participação direta dos povos indígenas em debates a nível nacional como forma de ajudar a preencher a lacuna deixada pelas políticas públicas. Isabel Gatti e Raúl Bermúdez (2010, p. 18), especialistas argentinos em comunicação comunitária, consideram a conscientização dos cidadãos sobre os seus próprios direitos um dos objetivos da comunicação comunitária, ao lado da educação, valorização das identidades territoriais, letramento midiático (leitura crítica dos meios jornalísticos) e da transformação do consumidor em produtor da informação.

A valorização das identidades é analisada a seguir junto com o letramento midiático.

Intercâmbios culturais e valorização de identidades

As ciber-informações nativas também são utilizadas para a autopromoção cultural e para autodefinição de identidades em contraposição àquelas definidas pelas narrativas externas. Mas quando se trata das populações indígenas, duas perspectivas cercam a relação do empoderamento e fortalecimento cultural com a inserção de computadores e internet e a produção de comunicação comunitária.

Aqui nasce uma contradição que deriva das consequências da adoção de uma tecnologia, signo do desenvolvimento, em culturas consideradas tradicionais e até mesmo patrimônio simbólico em risco (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 272). Como pode a valorização da identidade destes povos conviver com a influência da cultura tecnológica e globalizada? Como pode uma tecnologia que tem como fundamento a destruição de tradições ao mudar as maneiras de estar no mundo dos homens (MCLUHAN, 1977) colaborar para mantê-las? Além de Mcluhan a não deixar que seja esquecido como o aparecimento de uma tecnologia faz sensibilidades e percepções de mundo desaparecem, os conflitos e a necessidade de negociação constante para a utilização da tecnologia e para definir o que pode ou não ser publicado “para o mundo todo ver”, entre os jovens e ativistas no ciberespaço e os anciãos nas aldeias indígenas, mostram que essa preocupação não é infundada. Estes acontecimentos apontam para uma mudança, ou, como alguns preferem chamar, perda cultural irreversível. Outra perspectiva avalia como o anseio de preservar a cultura se faz presente também nos cibermeios que possibilitariam uma revitalização cultural, paralelamente à ameaça que possam representar para a própria cultura.

Revitalização cultural

Morales (2008, p. 54-55) demonstra que a solicitação da inserção da inclusão digital na aldeia pataxó da Água Vermelha, no sul da Bahia, foi resultado da luta dos próprios indígenas como parte de um esforço pela revitalização cultural. A contradição seria, em certa medida, apenas aparente, uma vez que a revitalização cultural está relacionada com um processo de revitalização da relação entre tradição e modernidade, renovação e transformação (MORALES, 2008, p. 56).

O cacique Akanawã (Reginaldo Ramos), integrante do IO, expressa esse encontro entre a cultura indígena e digital: “Então, hoje, a vida indígena com a rede, a cultura, tem fortalecido. É claro que a gente sabe que tem que ter cuidado para usar. Porque, no momento que a gente for usar a internet e a gente não saber usar, é claro que uma cultura se opõe a outra, quando ela é mais forte. E a cultura da internet

é forte” (RAMOS, 2012). Assim, quando utilizada para concretizar estas intenções previamente existentes, a incorporação da tecnologia é vista como positiva, ou como parte de uma estratégia de sobrevivência da cultura.

As ciber-informações nativas, aqui, atuam ajudando a recobrar conhecimentos indígenas, gerando uma compreensão da cultura indígena para os próprios índios no futuro (GINSBURG, 2012, p. 294, p. 302, CHRISTIE, 2008, p. 282), ou como uma forma de articular os conhecimentos indígenas e não-indígenas (RENESSE, 2011, p. 10). Mesmo objetivos tão antigos quanto a luta pela preservação de línguas nativas encontram espaço (GLOBAL VOICES, on-line).

Fortalecimento de redes de comunicação

A revitalização da cultura ocorre também pelo fortalecimento de redes de comunicação através das quais os indígenas entram em contato com outras comunidades, com familiares de outras localidades e com outras culturas indígenas (SANTOS, 2012, RAMOS, 2012). O potencial para a construção de redes de comunicação é observado na análise desenvolvida por Pereira (2007, p. 41) para quem a interação e sociabilização possibilitadas pela internet podem divulgar valores e pontos de vista. Segundo a autora, redes de apoio que vão além das aldeias ou dos espaços físicos demarcados podem ser construídas.

Relato semelhante é apresentado por Nunes Junior (2009), ao estudar a comunicação entre povos Guaranis no estado de Santa Catarina. Nunes Junior trata da substituição dos antigos mensageiros e intermediários pelo uso de tecnologias como o telefone, emails, redes sociais, rádios comunitárias como forma de integração: “Pensamos que a utilização das NTICs (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação) seriam um grande auxílio à concepção Guarani de mundo/território/yvy rupa Guarani⁹ reunido como numa rede, o que chamamos de “território em rede” (NUNES JUNIOR, 2009, p. 98).

Vinculação ao real-histórico e autonomia na narrativa do cotidiano

Um diálogo acontece através da tecnologia, resultando no fortalecimento de vínculos comunitários. Aqui, a aproximação do real-histórico pretendida na comunicação comunitária é realizada na nova esfera conversacional pós-massiva, no que Lemos chama de esfera comunicacional que é “mais próxima do ‘mundo da vida’” do que do “sistema” (LEMOS, 2009, p. 03), em oposição ao processo mais informativo da comunicação de massa e sua determinação pelos processos produtivos da redação.

⁹ A expressão “yvy rupa” no idioma guarani significa “terra”: “nosso território”, em Guaraní nhande yvy rupa, ou o ‘berço da terra’, e ‘nosso sistema’, nhande rekó, literalmente” (NUNES JUNIOR, 2009, p.29).

Os indígenas também destacam a importância de testemunhar, ver o que acontece na comunidade a partir da vivência e relato do cotidiano. No projeto do portal *Índios On-line*, a comunidade alcança, ou busca alcançar, objetivos comunitários, com uma atuação e produção comunitária e colaborativa. Para tanto, é necessário mostrar o cotidiano, as dificuldades, como relata Yonana, indígena integrante do *IO*: “Nós mesmos, nós indígenas, sendo os próprios jornalistas do nosso povo, nós estamos ali, no nosso dia-a-dia, contando o que nosso povo vem passando” (YONANA PATAXÓ HÃ HÃ HÃE, 2012).

A necessidade de autonomia sobre a narrativa do próprio cotidiano está relacionada com a autonomia na definição da própria identidade. Estas identidades definidas nas narrativas indígenas nascem em um esteio de muitas outras definições, nativas e vindas de fora e, quando se tornam públicas para a própria comunidade, podem ser aceitas ou rechaçadas.

Autodefinição de identidades: desmistificação e fortalecimento da autoestima

Entre os cidadãos comuns, no discurso jornalístico e mesmo no ambiente acadêmico, existe uma recusa de ver os povos indígenas no contexto social atual, conforme apontado por Martín-Barbero (2003, p. 272): “O índio foi assim convertido no que há de irreconciliável com a modernidade e hoje privado de existência positiva”. Para Wilson e Stewart (2008, p. 05, tradução da autora), essa existência positiva é exercida na medida em que os meios de comunicação indígenas desafiam o império da comunicação e colocam em cena novas constelações de poder global: “o controle sobre a representação nos meios de comunicação e autodefinição cultural afirma e significa a própria soberania política e cultural¹⁰”.

A vontade de realizar esta autodefinição identitária fica evidente no depoimento do integrante da rede *IO*, Fábio Titiá (2012): “usar esse meio de comunicação para divulgar a história do nosso povo. E desmitificar, mudar uma visão que muitas pessoas da sociedade têm em relação ao índio.” Esta autodefinição passa pela desconstrução dos ideais concebidos sobre o público, pela desmistificação, que possibilita aos indígenas determinarem seu território, desta vez não físico, mas cultural e identitário. Nas ciber-informações nativas, os índios manifestam, portanto, a sua própria opinião sobre o que é a indianidade.

Fontes de informação

Como previsto pelas concepções de comunicação comunitária, a revalorização

¹⁰ Original em inglês: “control of media representation and of cultural self-definition asserts and signifies cultural and political sovereignty itself”.

do cotidiano está associada, entre outros fatores, com a percepção, pela comunidade, de uma falta de relação do que é divulgado nos veículos de comunicação com a vida cotidiana dela (PAIVA, 2003, p. 138).

Diante do reconhecimento da importância dos meios de comunicação de massa da sociedade, o cacique Akanawã afirma a importância que o *Índios On-line* pode ter enquanto fonte de informação para esses meios e para a sociedade: “antes [do IO], o que acontecia em nossa aldeia, (...), quando a mídia ia saber já não tinha mais interesse. E a mídia hoje a gente sabe que são os olhos e ouvido da sociedade. E, hoje, a sociedade tem o IO para conhecer um pouco de nossa vida” (RAMOS, 2012). Nesta possibilidade de contraposição e interferência vislumbra-se uma rede, uma relação de interdependência, que envolve os diferentes meios de comunicação, alternativos e tradicionais, na sociedade.

Recircular cibermeios jornalísticos: repetição integral e comentários críticos

As ciber-informações nativas dialogam com os meios tradicionais, tentando influenciar na sua pauta ou apresentando críticas das coberturas realizadas. Os índios afirmam buscar preencher uma lacuna da abordagem feita pelo jornalismo tradicional sobre a vida nas aldeias, os direitos, necessidades e cultura dos povos indígenas¹¹.

A construção de relatos estereotipados¹² sobre a realidade da aldeia e identidade dos povos indígenas são reclamações comuns em diversos textos. Reconhece-se, nos depoimentos, uma oposição “meios indígenas versus jornalismo tradicional” que coloca os cibermeios como uma oportunidade de contrapor o discurso do jornalismo tradicional, devido em parte à proximidade dos autores indígenas com a realidade e cotidiano das aldeias. Para citar um exemplo, a cobertura jornalística sobre os povos indígenas é tema ainda da publicação “Rede Globo Manipula Reportagem jogando a sociedade contra os Pataxó Hãhãhãe”¹³. O texto critica a ausência da perspectiva do indígena na reportagem do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo* e acusa a *Globo* de fazer falsas acusações contra os povos indígenas¹⁴.

11 Existem trabalhos que analisam a abordagem jornalística sobre temas relacionados aos povos indígenas. Além da omissão no jornalismo nacional com relação aos povos ianomâmis, conforme relatado por Tierney (2002), o “caso Payakã” também é um dos registros onde pesquisadores encontram uma cobertura deficitária. Ao analisar a cobertura da imprensa brasileira neste caso, onde um indígena foi acusado de realizar um crime hediondo segundo a lei brasileira, Freire (2004) verifica como ocorre uma deslocação do discurso sobre a acusação contra o indígena para a relação das populações indígenas e a sociedade nacional com a existência de “linhas consensuais em torno à riqueza, privilégio e poder – como elementos de representação do ‘índio’ – articulados num discurso argumentativo que, de modo geral, visa mobilizar opiniões para o questionamento dos direitos especiais indígenas” (FREIRE, 2004, p. 29).

12 Segundo Lippman (2008, p. 83), o estereótipo surge porque as opiniões das pessoas versam sobre coisas que estão além da capacidade de observação direta. Assim, se junta pedaços de relatos e imaginação, realizando uma transfiguração do fato, quando se pensa está lhe dando com o relato em si: “Os fatos que vemos dependem de onde estamos posicionados e dos hábitos de nossos olhos”, (LIPPMAN, 2008, p. 84).

13 Publicada no *Índios on-line*, no dia 14 de abril de 2012

14 Na ocasião mencionada no texto, uma civil foi assassinada em uma das estradas nas cercanias de Itaju do Colônia, um dos municípios onde ocorreu uma série de ocupações de fazendas por indígenas em abril de 2012.

Quando os indígenas respondem à reportagem da rede *Globo*, confirmam a existência de uma intrincada relação entre os meios de autoria cidadã e os meios jornalísticos das organizações que possibilita, entre outras coisas, que uns se tornem fontes para os outros. A informação está sendo recirculada¹⁵, mesmo que seja através da crítica. Os cibermeios indígenas são produzidos por pessoas que consomem os meios de comunicação tradicionais, assim, o jornalismo tradicional serve como fonte para as ciber-informações nativas.

Por um lado, reconhece-se aqui que não há necessariamente uma oposição entre meios massivos e comunitários, quando um cibermeio comunitário reproduz informações produzidas pelos meios jornalísticos ou institucionais tradicionais. A veiculação de *releases* e matérias que possuam como tema os índios não necessariamente significa a veiculação da voz do indígena. Por outro, a comunicação comunitária incentiva, como parte das iniciativas cidadãs, a leitura crítica dos meios jornalísticos tradicionais. É o que Isabel Gatti e Raúl Bermúdez (2010, p. 18) denominam de letramento midiático, e que pode ser relacionado com a ideia de incorporação de valores democráticos (DEMO, 2001).

Autopromoção institucional

Ao mesmo tempo em que as teorias da comunicação comunitária consideram a educação uma parte essencial da produção de meios em comunidades marginalizadas (PAIVA, 2007, p. 144), críticas são feitas aos modelos que visem inserir as comunidades carentes no mercado de trabalho, ou capacitá-las na busca para galgar espaços sociais, sem que seja questionado o fundamento da sociedade (SANTIAGO, 2008, p. 102). Neste modelo não há uma verdadeira autonomia, uma vez que as decisões sobre as ações a serem desenvolvidas estão vinculadas à necessidade de divulgar o trabalho da ONG.

O blogue *AJINDO* apresenta esta característica, conforme é possível reconhecer em algumas publicações que divulgam o trabalho da *AJI*¹⁶. Também no *Índios On-line* algumas publicações informam atividades e publicações da ONG *Thydêwá* que criou o projeto, mas em número bem menor¹⁷. Por outro lado, o portal é utilizado para realizar uma cobrança à criadora do cibermeio: em “Carta Cobrança”, de 27 de abril de 2006, há uma crítica à *Thydêwá* devido ao atraso no pagamento das bolsas dos índios on-line. Os autores reclamam da burocracia e afirmam que deram os dados

15 Conforme conceito de Zago (2011).

16 Em ordem retrospectiva: “AJIndo edição 20”, de 30 de abril de 2010, “ATY GUASSU DE JOVENS INDÍGENAS DE MS”, de 28 de abril de 2009, “ATY GUASSU ENCONTRO DOS JOVENS INDÍGENAS DO MATO GROSSO DO SUL”, de 14 de abril de 2009, (Sem título), de 22 de abril de 2009 (traz a foto da capa e contra-capas do jornal AJINDO), “REAJINDO!!!”, de 10 de abril de 2008, “REAJINDO!!!” de 11 de abril de 2011, “RESGATANDO A CULTURA”, de 29 de abril de 2008, “AULA DE TEATRO”, de 29 de abril de 2008, “Aji na palestra da convenção 169 dos direitos dos povos indígenas”, de 17 de maio de 2006.

17 Índios Educam para combater preconceito”, de 16 de abril de 2012, fala do novo projeto da ONG, do qual participam indígenas integrantes do portal, que visa produzir material didático para a educação sobre os índios nas escolas; “Índios na Bienal do Livro” e “Pataxó Hã Hã Hãe, lançam seu Livro em Salvador”, ambas de 21 de abril de 2007, mencionam o lançamento do livro “Índios na visão dos índios Pataxó Hã Hã Hãe”, de autoria dos índios e produzido pela *Thydêwá*.

solicitados pela ONG, mas não receberam o pagamento, que deve ser fornecido pelo “ministério responsável”.

Apontamentos finais

Esta análise não pretende ser definitiva, uma vez que, conforme observado por alguns autores (PEREIRA, 2007, RENESSE, 2011), a quantidade de cibermeios de autoria indígena cresce anualmente, o que pode levar a uma complexificação do objeto e à necessidade de outras categorias para abarcá-lo em suas futuras feições. Até o momento, as categorias apresentadas atendem às principais características encontradas nas ciber-informações nativas de autoria de indígenas residentes no território brasileiro, com base na bibliografia analisada e na análise dos dois cibermeios indígenas, *Blogue AJINDO* e portal *Índios On-line*.

Além dos resultados específicos com relação aos cibermeios indígenas, a categorização apresentada neste artigo pretende dar um passo inicial para um olhar teórico complexificador dos cibermeios de autoria cidadã. É importante considerar o real-histórico dos povos autores destes meios e relacionar o conteúdo publicado na internet com a vida cotidiana. O resultado no universo virtual da internet não está desvinculado das relações empíricas que jazem por trás dos processos de produção da informação. Assim, um cibermeio indígena e, de forma geral, um cibermeio cidadão só verdadeiramente se tornam propulsores de cidadania quando sua produção e a inserção da tecnologia ocorrem juntamente ao diálogo com a comunidade e à incorporação dos interesses comunitários no projeto tecnológico.

Referências

AJINDO. **Blogue da Ação dos Jovens Indígenas de Dourados**. Disponível em: <http://ajindo.blogspot.com.br>. Acesso em: 3 de janeiro de 2013.

BUCCHIONI, Xenya de Aguiar. **Comunicação, visibilidade e vínculo: a presença indígena na virtualidade**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba. 2009. Anais. 14p.

CHRISTIE, Michael. **Digital tools and the management of australian aboriginal desert knowledge**. In. WILSON, Pamela; STEWART, Michelle (org.). **Global Indigenous Media: cultures, poetics, and politics**. Durham and London: Duke University Press, 2008. 270-286p.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. 5. ed. São Paulo (SP): Cortez, 2001. 176p

DEWEY, John. **The public and its problems**. Athens: Swallow Press, 1991. 236p.

FREIRE, Maria José Alfaro. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. In. CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. 189p

FREITAS, Ricardo Oliveira de; MATOS, Lucineide Magalhães de. **Caramuru FM: a rádio comunitária do povo Pataxó Hã-Hã-Hãe**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. Anais. 15p.

GALLOIS, D.; CARELLI, V. **Índios eletrônicos: uma rede indígena de comunicação**. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/indioelet.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2011

GATTI, Isabel; BERMUDÉZ, Raúl. **Experiencias y reflexiones sobre la comunicación comunitaria en Argentina y América Latina**. In. CICALÉSE, Gabriela (org.). **Comunicación Comunitaria: Apuntes para abordar las dimensiones de la construcción colectiva**. Buenos Aires: La Crujia, 2010. 206p. p. 17-31.

GINSBURG, Faye. **Rethinking the Digital Age**. In. WILSON, Pamela; STEWART, Michelle (org.). **Global Indigenous Media: cultures, poetics, and politics**. Durham and London: Duke University Press, 2008. 287-305p.

GLOBAL VOICES. **Living tongues: endangered language technology kits o the rescue**. Disponível em: <http://rising.globalvoicesonline.org/blog/2012/04/10/living-tongues-endangered-language-technology-kits-to-the-rescue/>. Acesso em: 17 de agosto de 2012.

HALKIN, Alexandra. **Outside the Indigenous Lens: Zapatistas and Autonomous Videomaking**. In. WILSON, Pamela; STEWART, Michelle (org.). **Global Indigenous Media: cultures, poetics, and politics**. Durham and London: Duke University Press, 2008. 160-180p.

ÍNDIOS ONLINE. Disponível em: www.indiosonline.net. Acesso em: 23 de janeiro de 2013.

LEMOS, André. **Nova esfera Conversacional**, in Dimas A. Künsch, et al, Esfera pública, redes e jornalismo. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2009, pp. 9-30.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. 2. ed São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MORALES, E.N. **Apropriação de uma política pública de “inclusão digital” entre os Pataxós de Coroa Vermelha, Bahia**. (112f) Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

NUNES JUNIOR, O. **Internetnicidade: caminhos das novas tecnologias de infor-**

mação e comunicação entre povos indígenas. (111f.) Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. **Diários públicos, mundos privados:** Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação. 214f. (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) Universidade Federal de Santa Catarina. 2002

PAIVA, Raquel . **O espírito comum:** mídia, comunidade e globalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003.

_____. **Para reinterpretar a comunicação comunitária.** In. PAIVA, R. (Org). **O retorno da comunidade:** Os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 133-148

PEREIRA, Eliete da S. **Ciborgues Indígen@as .br: a presença nativa no ciberespaço.**(169f.) Dissertação de Mestrado (Centro de Pesquisa e Pós-graduação das Américas, Instituto de Ciências Sociais), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PINTO, Alejandra Aguiar. **A “inclusão digital indígena” na sociedade da informação.** V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2009. Anais. 15p.

RAMOS, Reginaldo. Entrevista concedida à autora durante a pesquisa de campo na aldeia Bahetá, município de Itaju do Colônia, realizada entre os dias 04 e 11 de janeiro de 2012.

RENESE, NICODÈME DE. **Perspectivas indígenas sobre e na internet:** ensaio regressivo sobre o uso da comunicação em grupos ameríndios no Brasil. (144f) Dissertação. Programa em Pós-graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SANTIAGO, Jairo da Costa. **Comércio de drogas e mercado:** os limites do comunitário. In. PAIVA, Raquel, SANTOS, C.H.R., **Comunidade e Contra-hegemonia:** rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008. p. 89-108.

SANTOS, Emerson Natan dos. Entrevista concedida à autora durante a pesquisa de campo na aldeia Água Vermelha, município de Pau Brasil, realizada entre os dias 4 e 11 de janeiro de 2012.

SCHUDSON, Michael. **The power of news.** Cambridge: Harvard University Press, 2003.

SILVA, Denise Teresinha da; COLVERO, Ronaldo Bernardino; RODRIGUES, Diego de Lemos. *O uso dos meios como alternativa de comunicação para a população dos Mbyá-Guarani presente nos Sete Povos das Missões.* XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, 2010. Anais. 15p.

SILVA, Ravena Sombra Martins da; CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. **A re-invenção cultural dos índios Tapebas por meio da inclusão digital**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. Anais. 12p.

TIERNEY, Patrick. **Trevas no Eldorado**: como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia e violentaram a cultura ianomâmi. Trad.: Bentto de Lima. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 526p.

TITIÁ, Fábio. Entrevista concedida à autora durante a pesquisa de campo na aldeia Água Vermelha, município de Pau Brasil, realizada entre os dias 04 e 11 de janeiro de 2012.

WILSON, Pamela; STEWART, Michelle (org.). **Global Indigenous Media**: cultures, politics, and politics. Durham and London: Duke University Press, 2008. 362p.

YONANA PATAXÓ HÃ HÃ HÃE. Entrevista concedida à autora durante a pesquisa de campo na aldeia Água Vermelha, município de Pau Brasil, realizada entre os dias 4 e 11 de janeiro de 2012.

ZAGO, G. S. **Recirculação jornalística no Twitter**: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.